

## **Diaconia e edificação de comunidade a partir de Balsas — Nordeste**

**Gisela Beulke**

**Resumo:** Este trabalho resgata um pouco do que aconteceu na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Balsas, no Maranhão, entre os anos de 1987 e 1995, período em que obreiras diaconais atuaram ali. Trata-se de um estudo de caso a partir do qual se quer refletir sobre algumas questões ligadas à diaconia, especialmente no âmbito da edificação de comunidades. A diaconia como dimensão do ser Igreja insere o ministério diaconal na construção e manutenção de comunidades cristãs.

**Resumen:** Este trabajo rescata un poco de lo que sucedió en la Comunidad Evangélica de Confesión Luterana de Balsas, en Maranhão, entre los años de 1987 y 1995, período cuando obreras diaconales actuaron allí. Se trata de un estudio de caso a partir del cual se quiere reflexionar algunas cuestiones vinculadas a la diaconía, específicamente en el ámbito de la edificación de comunidades. La diaconía, como una dimensión de ser iglesia, instala el ministerio diaconal en la construcción y mantención de comunidades cristianas.

**Abstract:** This text retrieves part of what took place in the Lutheran Congregation in Balsas, state of Maranhão, between 1987 and 1995, which is the period when diaconal workers were active there. This is a case study that is used as a basis for reflection on issues related to diaconia, particularly in the realm of community/congregation building. Diaconia as a dimension of the church's being inserts the diaconic ministry in the building and maintenance of Christian communities.

### **Introdução**

Este trabalho resgata um pouco do que aconteceu na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Balsas, de 1987 a meados de 1995, período em que obreiras do ministério diaconal atuaram nesta comunidade: como foi o início, quais as ênfases, como foi o processo de edificação de comunidade, quais os reflexos que projetou para dentro e para fora da comunidade eclesial. O resgate desse período da história de Balsas foi feito através de pesquisa documental — da Comunidade de Balsas e do Projeto Fundo de Quintal —, através da observação e de entrevistas<sup>1</sup>. Esta é uma experiência de comunidade que surgiu e se edificou

a partir do trabalho diaconal comunitário, liderado por obreiras diaconais, na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

A Irmandade da IECLB forma diaconisas<sup>2</sup> desde 1939 e outros obreiros e obreiras diaconais a partir de 1974. Durante muitos anos mulheres e homens do ministério<sup>3</sup> diaconal ajudam a conscientizar comunidades e grupos a respeito de sua responsabilidade diaconal, auxiliam comunidades em sua edificação e buscam por espaço e valorização deste ministério dentro de sua Igreja.

## **1. Um estado entre o Norte e o Nordeste**

O estado do Maranhão está localizado entre o Norte e o Nordeste do país. O povo é constituído, basicamente, pelas raças negra, indígena e branca. Na década de oitenta os nativos usam a roça do toco<sup>4</sup>. Plantam culturas de subsistência: arroz, mandioca, milho e outras. Muitos maranhenses vivem de forma simples: casa de barro coberta com folhas de coqueiro, ou casa só de folhas de coqueiro. A caça, a pesca e a coleta de frutas são importantes. Os rios, a água, são o centro da vida, devido aos períodos de seca que dificultam a sobrevivência no sul do Estado<sup>5</sup>. Na cidade as casas são de tijolos, semelhantes às do Sul do país.

Na política tradicional do Maranhão, durante décadas impera o coronelismo<sup>6</sup>. O censo de 1980 afirma que Balsas tem 30 mil habitantes. Em 1990, conforme dados da Superintendência de Combate à Malária — SUCAM —, Balsas tem 51 mil habitantes. Dados da Pastoral da Saúde da Igreja Católica da época informam que a situação da saúde é precária<sup>7</sup>.

### **1.1. Balsas, lugar de fronteira**

A partir da década de sessenta deste século, época de grande mobilidade religiosa e social no Brasil, membros luteranos migram, se “espalham” pelo país, sentem falta de “sua” Igreja e pedem que esta os acompanhe. Começa assim o envio de obreiros pastores, catequistas, diaconais, por parte da IECLB, a lugares bastante distantes dos estados do Sul, como é o caso de Rondônia, Tocantins, Maranhão, Goiás e outros, fazendo surgir comunidades com outras características.

Migrantes que se deslocam dos estados do Sul para novas fronteiras em regiões no Norte do país levam consigo muita expectativa e esperança em relação ao novo que os espera. Levam também a sua religiosidade. Sociologicamente, lugar de fronteira é caracterizado como área de conflito social. É lugar de encontro dos que são diferentes entre si, como o são proprietários e camponeses. Fronteira também é o lugar de descoberta do Outro, onde acontecem encontros e desencontros<sup>8</sup>. É lugar onde se cria a nova sociedade, onde se induz à modernização que traz mudança social.

## **1.2. Migrantes descobrem Balsas**

Em 1975, o prefeito de Balsas visita o Rio Grande do Sul, região de Carazinho, para convidar famílias sulistas para virem ao Norte<sup>9</sup>. O convite para ir ao Norte e as dificuldades que os pequenos produtores rurais enfrentam nos estados do Sul desencadeiam uma corrente migratória<sup>10</sup>. Balsas é uma das cidades que acolhe migrantes, sendo, atualmente, considerada a fronteira agrícola do Brasil. Normalmente os pioneiros que vão para a fronteira são mais vítimas do que pioneiros<sup>11</sup>. As terras nas imediações de Balsas rapidamente se concentram nas mãos de poucos. Os nativos que permanecem na terra têm seu chão nos fundos, atrás das fazendas. Muitos deles vendem suas terras por preços irrisórios e vão morar nas periferias das cidades. Procuram trabalho nas fazendas<sup>12</sup>. Surgem dezenas de bairros e setores em Balsas sem o mínimo de infra-estrutura<sup>13</sup>. As pessoas deixam o seu grupo social, a sua Igreja, perdem a relação com pessoas da mesma cultura e valores e se confrontam com realidades totalmente diferentes.

## **2. A diaconia como dimensão do ser Igreja**

Muitas vezes se usa a imagem do corpo para falar da Igreja. O corpo lembra a unidade, a diversidade, lembra a solidariedade que existe entre as diversas partes: os membros se ajudam e apóiam mutuamente. Se um membro sofre, todos sofrem com ele. Quem deseja desfrutar da comunhão do corpo “precisa contribuir e pagar amor com amor”<sup>14</sup>, pois é o amor que acende a chama do amor. Os membros do corpo precisam atuar em parceria e se ajudar mutuamente.<sup>15</sup> Na Igreja de Jesus Cristo cada membro desempenha sua função, e o conjunto edifica a comunidade toda. A diaconia faz parte da missão<sup>16</sup> da Igreja que tem a Cristo, o Diácono por excelência, em seu centro. O testemunho da boa nova do evangelho acontece tanto pela palavra proclamada como por atos de amor<sup>17</sup>.

### **2.1. Compreensão de diaconia**

Diaconia é um termo que etimologicamente vem do grego. Foi traduzido para a Bíblia em português como “serviço” e “ministério”. Deus serve primeiro quando envolve a humanidade, a sua criação, com graça e amor. Ele acolhe as pessoas como elas são e deseja libertar de tudo o que dificulta a vida.

Pela diaconia a comunidade expressa que deseja estar a serviço, a exemplo de Jesus Cristo, que diz de si mesmo: “não vim para ser servido, mas para servir” (Mt 20.28). Diaconia é toda preocupação da Igreja em favor das pessoas, em especial das que estão em necessidade. Ela parte da fé em Jesus Cristo e não substitui a ação política, mas fundamenta o discurso profético. O anúncio do amor, da graça de Deus e a denúncia de tudo o que dificulta e prejudica a vida andam

lado a lado. A diaconia se preocupa com o ser humano integral: com o seu sofrimento, com suas necessidades e possibilidades<sup>18</sup>. Gutiérrez desafia que se construa a Igreja de baixo para cima, partindo de quem sofre.

No testemunho da comunidade, através da palavra falada e da fala da ação, do servir, o agir curativo e salvador de Deus se torna visível e concreto. Os atos de amor tomam a palavra proferida mais compreensível, e a palavra proferida ajuda na compreensão da ação; ambos são testemunhos humanos<sup>19</sup>. Quando, na edificação de comunidade, existe abertura para o povo que sofre, também há abertura para surpresas com pessoas que são diferentes, que parecem não ter nada a ver com a comunidade<sup>20</sup>. Por alguns a diaconia e a missão são consideradas irmãs gêmeas que têm valor e importância igual. Jesus nem sempre age e fala ao mesmo tempo. Dependendo da situação, prioriza a palavra, ou a ação. Contudo, Jesus sempre vê a pessoa integral e vai ao encontro das suas necessidades concretas<sup>21</sup>. Tudo o que acontece na comunidade, tanto a pregação como a diaconia, parte daquilo que a comunidade vive e celebra. Por isso o culto a Deus está no centro da comunidade cristã. Ele é o espaço onde se invoca a amabilidade de Deus, onde existem o louvor e a adoração. É nele que a comunidade se reabastece para o servir cotidiano<sup>22</sup>. O que a comunidade vai fazer, onde agir, como fazer, este impulso vem da realidade humana, com todas as suas situações de carência e sofrimento. A diaconia precisa arriscar o encontro com o mundo que a cerca, inserir-se nele para transformá-lo e trabalhar em parceria com outras igrejas<sup>23</sup>. Vejamos como isto acontece na Comunidade Evangélica de Balsas.

## **2.2. Edificar comunidade**

Edificar comunidade difere da construção de uma casa, pois nela existem identidade, cultura, história, comunhão. Na sua origem o termo “comunidade” fala de algo que é comum a muitos: objetivos, valores, vivência de espiritualidade. Uma comunidade vive comunhão, pois congrega pessoas que crêem e confessam a fé no mesmo Deus. Todo o trabalho comunitário se transforma em edificação de comunidade quando pessoas se percebem como parte integrante da ação edificante de Deus.

Uma comunidade é evangélica, é diaconal, quando parte da realidade das pessoas, quando acolhe as pessoas como elas são e as leva a sério, a exemplo de Jesus, quando integra o testemunho da palavra falada com atos de amor e solidariedade. A tarefa da comunidade é chamar pessoas e deixar-se chamar por Deus. Só ele sabe onde começa e onde termina a sua comunidade<sup>24</sup>.

### **3. Balsas: uma comunidade edificada sob o enfoque da diaconia**

#### **3.1. Um pouco da história**

Membros luteranos dos estados do Sul migram para o Centro e Norte do país à procura de terra e de novas oportunidades de vida. Algumas famílias se estabelecem em Balsas. Reúnem-se esporadicamente em torno da palavra de Deus, pedem à direção da IECLB acompanhamento pastoral, sonham com a construção de uma igreja. Em 1983 se estruturam sob o nome Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Balsas. Passam a ser atendidas, esporadicamente, por um obreiro pastor. Em outubro de 1986 a Comunidade de Balsas, o pastor itinerante e uma diaconisa — com vários anos de experiência em Rondônia — refletem e aprovam a vinda desta obreira para Balsas. Na ocasião esboçam e aprovam a proposta do Projeto Fundo de Quintal. A comunidade conta com 27 pessoas luteranas, entre adultos e crianças, todas providas do Sul do país<sup>25</sup>. A voz vibra, as emoções afloram quando maranhenses — e alguns sulistas — revivem experiências do período do projeto. Lembram bem do dia em que apareceu uma mulher sulista dizendo que quer comprar o terreno de 3.200 m<sup>2</sup> daquela rua, no Setor Industrial — que não tem nenhuma indústria. E mais: deseja alugar um quarto para poder acompanhar de perto a construção da casa comunitária. Surpresas, desconfiadas, as pessoas resolvem conhecer melhor esta mulher e a sua proposta. Dona Anajá tem casa de chão batido, de um cômodo. Resolve dividi-lo com a Irmã. A geladeira passa a fazer a divisória, criando dois ambientes. As pessoas gostaram do interesse dessa mulher por seus filhos, das conversas, das reflexões sobre saúde, educação e resolveram acolhê-la com cautela. Assim dá-se início ao projeto<sup>26</sup>.

#### **3.2. O processo de mudanças**

Morar entre o povo, buscar água no mesmo poço, banhar-se e lavar a roupa no mesmo local das pessoas de lá, ter a casa aberta para quem deseja o diálogo faz parte da metodologia do trabalho comunitário. Através da convivência, do compartilhar, do refletir e caminhar em conjunto com as pessoas empobrecidas, as portas se abrem e novos caminhos são trilhados<sup>27</sup>.

As casas dos maranhenses costumam ser construídas rente à rua, e no quintal dos fundos se desenvolve a vida da família. Lá existem árvores, está o poço, se lava a roupa, tem lugar para se banhar, lá as crianças brincam, muitas refeições são tomadas ali. Cada ser humano também tem um fundo de quintal. Lá somos nós mesmos. No fundo do quintal acontece o verdadeiro encontro. Onde há encontro acontecem “reflexão, meditação, trabalho, união, organização e luta”. Por isto o projeto chama-se “Fundo de Quintal”. Ao anoitecer as pessoas vão para a frente da casa, onde acontecem os encontros com vizinhos e outras pessoas.

É ao anoitecer, na rua, que inicia o contato com as crianças: através do canto, de histórias de vida, de histórias da Bíblia e brincadeiras. Mas também as mulheres se aproximam, curiosas. Querem saber: que mulher é essa? O que ela quer? Os diálogos são tecidos, a confiança conquistada, histórias de vida refletidas, dificuldades enfrentadas. A primeira história contada pela irmã é a dos dois burrinhos que estão amarrados juntos. De cada lado da estrada tem um monte de pasto. Só organizados, unidos no mesmo ideal, conseguem comer todo o pasto<sup>28</sup>.

O primeiro semestre de 1987 é usado pela coordenadora do projeto para encaminhar a construção da casa comunitária e para visitar e conhecer pessoas: seus hábitos, sua cultura, seus valores, suas crenças, seus anseios e dificuldades. Com a idéia de melhorar a saúde através de uma alimentação mais sadia, a obreira planta verduras numa parte da terra recém-comprada — como experiência<sup>29</sup>.

Educação e saúde são preocupações básicas para as mães. No diálogo sobre alimentação constata-se que quase não conhecem verduras. Cultivam apenas cebolinha verde e coentro. Quanto mais refletem sobre saúde e a importância das verduras, vendo os canteiros verdes e bonitos da Irmã, experimentando estas verduras, cresce nos maranhenses o interesse por uma horta comunitária. Bernardo, sulista<sup>30</sup>, admite que nem eles sabiam como cultivar alface e outras verduras no Maranhão. Aprenderam-no com o Projeto<sup>31</sup>.

Desde o início, as obreiras relacionam a vida com fatos da Bíblia, envolvem pessoas maranhenses interessadas na coordenação dos trabalhos, na diretoria da comunidade e possibilitam que participem de cursos, seminários, concílios, também fora de Balsas.

### **3.3. O mutirão da vida / hortas comunitárias**

O fato de não existir estrada para acesso de carro ao terreno recém-comprado desencadeia o primeiro de uma série de mutirões. “Capinamos e abrimos uma estrada com enxada. Não tinha como chegar de carro até o terreno comprado.” Mulheres, crianças, jovens e homens com enxadas e pás trabalham com muita alegria e disposição. O segundo mutirão acontece na área de terra prevista para a horta comunitária. O esterco, adubo orgânico, sempre foi coletado em mutirão, nas fazendas. Todos os depoimentos são unânimes: esses mutirões unem as pessoas. Apesar do trabalho árduo, era dia de festa e de muita alegria. “Era aquela animação.”<sup>32</sup> Nas hortas, além de folhas verdes, plantam tomate, pimentão, beringela, milho, outros. Os maranhenses, no começo, acham engraçado comer folhas. “Não sou camaleão”, dizem. “No começo ninguém acreditava num trabalho desses.”<sup>33</sup> Mas, ao incluírem as verduras no cardápio, percebem que são gostosas e, acima de tudo, que os rostos de seus filhos, que a saúde da família se transforma<sup>34</sup>. Enquanto as verduras crescem, acontecem as trocas de experiências, as reuniões de reflexão com temas como saúde, educação libertadora, organização<sup>35</sup>. Reconhe-

cem que uma horta melhora a saúde, o trabalho conjunto cria e fortalece laços de amizade, reforça o orçamento do lar. Além do cuidado das plantas, refletem sobre temas básicos da vida, aprendem a se organizar, procuram apoio e se fortalecem com a convivência e a comunhão do grupo. Muita vida foi gerada através das hortas comunitárias. O resultado da horta também ajuda a enriquecer o lanche das crianças que participam do “reforço escolar”<sup>36</sup>.

Bem no início não tem água. Cada qual traz água de casa: lata em cima da cabeça. Quando, enfim, conseguem dinheiro, parte-se para um poço semi-artesiano. Mas durante meses não podem usar a água porque a rede de energia elétrica é fraca demais para mover o motor. Isso exige mais organização e luta junto aos órgãos competentes. Dificuldades como estas unem e desafiam o grupo<sup>37</sup>. A primeira horta surge no Bairro Industrial, ao lado da casa comunitária, onde também residem as obreiras. A segunda nasce no Bairro São Felix. Logo surgem hortas no Sonhen e em outros bairros de Balsas. Hoje não existe mais horta junto à comunidade luterana, mas diversas associações de bairro de Balsas têm horta comunitária.

O grupo da horta não se satisfaz só com o plantio de verduras. Querem aprender mais. Um dos primeiros cursos é sobre alimentação alternativa. Seguem-se cursos de fantoches, como contar histórias bíblicas para crianças, corte e costura, violão, cabeleireira, manicura, bordado, crochê, capoeira, remédios caseiros, alfabetização, de Bíblia, outros. O lema é: “O que aprendem precisam ensinar adiante”. Deste grupo, mais tarde surge uma Associação que começa com roça comunitária. Junto com a aprendizagem técnica estão a reflexão sobre temas da vida, temas da Bíblia e o canto. Uma mulher, líder da horta e roça comunitária, referindo-se à Bíblia, disse que queria saber tudo o que está escrito neste livro. Semanalmente as integrantes da horta se reúnem para refletir sobre assuntos diversos e planejar a continuidade dos serviços. Mas existem também encontros onde só se estuda a Bíblia, relacionando os temas com o cotidiano da vida. Assim, a curiosidade inicial das mulheres se transforma em participação que desemboca numa comunidade participante<sup>38</sup>.

### **3.4. Crianças abrem o caminho**

Todas as pessoas são unânimes: o trabalho do projeto, de fato, começou com as crianças. Todas as tardes a Irmã brinca com as crianças, canta e conversa com elas. Não demora entram histórias da vida e histórias da Bíblia. São as crianças que, aos poucos, trazem os irmãos, a mãe, a avó, a família toda. Uma mãe fala de sentimentos deste início: “Às vezes a gente fica desconfiada de ter uma Irmã aqui, que não se sabe de onde é, quem é. (...) Mas foi um dos melhores tempos.”<sup>39</sup> Vendo a precariedade do ensino, a repetência escolar, este trabalho começa a estruturar-se com ênfase no reforço escolar. As crianças podem vir à casa comunitária, fazer lá os seus deveres de “casa”, esclarecer dúvidas, receber orientação

onde há dificuldades, brincar, cantar, escutar e contar histórias, desenvolver a criatividade. Passeios e piqueniques, por vezes, incluem a família toda. As crianças participam de encontros, de cultos, de todos os espaços oferecidos a elas pela comunidade. Aos poucos começam a pedir para fazer parte dessa Igreja. Entram no ensino confirmatório, ou no preparo para o Batismo, participam do grupo de jovens<sup>40</sup>. Foi o trabalho com crianças que trouxe famílias inteiras para a comunidade.

### **3.5. Comunidade como lugar de fronteira**

Todo o processo de edificação desta comunidade é marcado pelo encontro de culturas diferentes. É uma caminhada construída com muito diálogo, reflexão, organização. “A Irmã ajudava a abrir a cabeça da gente”, admite Elaine. As dificuldades são múltiplas. Muitos maranhenses passam a participar da vida comunitária, e os “sulistas”<sup>41</sup> se tornam minoria. Enquanto alguns sulistas consideram ter “melhor” cultura, os maranhenses não aceitam esta discriminação, o que cria conflitos. No cotidiano vários maranhenses trabalham em casas ou fazendas de sulistas. No domingo sentam lado a lado nos cultos.

Mas também alguns sulistas têm dificuldades, sentem-se bastante sós em Balsas, distantes de seus familiares. Sentem saudades e desejam ter igreja, cultos — “igual como no Sul”. Durante um curto espaço de tempo três obreiras diaconais atuaram lá, uma delas em funções pastorais. Com isso cresce a expectativa de um atendimento espiritual mais constante. Alguns se decepcionam ao perceberem a ênfase que recebe o trabalho do projeto, a acolhida que é dispensada aos maranhenses, e o lugar de fronteira passa a acontecer dentro da vida comunitária. Alguns “sulistas” se distanciam da comunidade. Outros, como Estela, que por dois períodos foi presidente da comunidade, diz: “Desde o início senti-me muito à vontade. Senti que aí era o meu lugar... que poderia contribuir para esta comunidade.”<sup>42</sup> Ela admite que tudo era muito simples, mas imperava grande alegria.

Desde o início do Projeto Fundo de Quintal todas as pessoas que dele participam são convidadas para participar dos cultos e de outras programações da comunidade. Apesar da liberdade que lhes é dada, os maranhenses aceitam o convite e logo se tornam maioria. “O salão ficava cheio”, diz Nice. “Os cultos eram animados, havia muita participação. Os jovens maranhenses puxavam o canto e assumiam partes da liturgia.”<sup>43</sup> Uma obreira afirma: “Quando falo em comunidade incluo maranhenses e sulistas.” Na verdade, os sulistas são membros pagantes, os maranhenses, no início, membros participantes. Mas, por parte das obreiras, não se faz diferença. Aos poucos, crianças, adolescentes, adultos pedem pelo Batismo ou pela integração na Igreja Luterana. Tem pessoas que são membros participantes durante anos e nunca ingressaram na Igreja Luterana como membros inscritos<sup>44</sup>.

## Conclusão

Para edificar comunidade, sob o enfoque da diaconia, são imprescindíveis a observação, as visitas, os contatos pessoais, a escuta, a partilha, o ter a casa aberta para acolher quem precisa de ajuda. É necessário conhecer e respeitar a cultura do Outro, inculturar-se. Partir da realidade do Outro, que implica ver a pessoa de forma integral, implica também confiar no Outro, envolvê-lo em tarefas e dar apoio onde este é necessário. A reflexão, o diálogo, a organização, o levar a sério as necessidades e possibilidades do Outro são muito importantes. O centro de tudo é a vivência da espiritualidade, da comunhão, do culto, que engloba o testemunho do evangelho através da palavra falada e de atos de amor. A diaconia tem muito a contribuir para a edificação de comunidades, pois integra ações concretas de amor, de justiça, de misericórdia com o anúncio da palavra de Deus.

## Bibliografia

- JÄRVELAINEN, Matti. *Gemeinschaft in der Liebe* : Diakonie als Lebens- und Wesensäußerung der Kirche im Verständnis Paul Philipppis. Heidelberg : DWI, 1993. 167 p.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas* : os primórdios — escritos de 1517 a 1519 : vol 1. São Leopoldo : Sinodal, Porto Alegre : Concórdia, 1987. 469 p.
- MÖLLER, Christian. *Construindo comunidade* : carta aos presbíteros. São Leopoldo : Sinodal, 1995. 89 p.
- MÜLLER, Telmo Lauro. *Amor ao próximo* : história da Casa Matriz de Diaconisas da IECLB. São Leopoldo : Rotermond, 1990. 143 p.
- NIED, Gerda. Diaconia na construção de comunidade. In: BEULKE, Gisela. *DIACONIA: um chamado para servir*. São Leopoldo : Sinodal, 1997. 105 p.
- NORDSTOKKE, Kjell. *Diaconía* : fe y servicio en un mundo que sufre. La Paz : Lámpara, 1998.
- . Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo : Sinodal/ASTE, 1998. p. 268-290.
- . *Diaconia* : fé em ação. São Leopoldo : Sinodal, 1995.
- REZENDE FIGUEIRA, Ricardo. *A justiça do lobo* : posseiros e padres do Araguaia. Petrópolis : Vozes, 1986. 115 p.
- SCHÄFER, Gerhard K., STROHM, Theodor. *Diakonie — biblische Grundlagen und Orientierung*. 2. ed. Heidelberg : HVA, 1994. 425 p.
- SCHOBER, Theodor. *Diakonie als handelnde Kirche* : Aufsätze zu Aufgabe und Möglichkeiten des diakonischen Wirkens der Kirche heute. Bielefeld : Eckart, 1976. 160 p. (EPD Dokumentation, 16).
- SOUZA MARTINS, José de. *Fronteira* : a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo : Hucitec, 1997. 213 p.
- TURRE, Reinhard. *Diakonik* : Grundlegung und Gestaltung der Diakonie. Neukirchen-Vluyn : Neukirchener, 1991.

## Notas

- 1 Empregam-se nomes fictícios e iniciais quando se faz uso de depoimento de pessoas.
- 2 A IECLB possui duas comunhões diaconais: a Irmandade e a Comunhão de Obreiros e Obreiras Diaconais (COD). Uma Irmã ordenada é uma diaconisa. Membros da COD, quando ordenados, são diáconos e diáconas. Todos são chamados de obreiros e obreiras diaconais. Na história da Igreja cristã a mulher, desde os primórdios, coloca sinais importantes. A Segunda Guerra Mundial faz surgir no Brasil, em 1939, a Casa Matriz de Diaconisas, que abriga a Irmandade da IECLB. Foram as mulheres das comunidades que ajudaram para que esta Irmandade nascesse e se desenvolvesse. “A idéia era: da Comunidade — para a Comunidade” (palestra de Rolf Droste — 40 anos da Casa Matriz), contudo muitas Irmãs acabam atuando em hospitais, ancionatos, jardins de infância. A partir da década de setenta a Irmandade da IECLB é desafiada a contribuir em novas frentes, como é o caso de Balsas.
- 3 Cf. *Nossa fé — nossa vida*: ministérios são cargos e funções a serviço do evangelho. A rigor há um só ministério: o de testemunhar o evangelho de Cristo. A IECLB, a partir do Concílio Geral de 1998, ordena obreiros para quatro ministérios específicos: catequético, diaconal, missionário, pastoral.
- 4 Roça de toco: é feito o desmatamento da área a ser cultivada sem tirar os tocos, as raízes das árvores. Esta área é plantada manualmente.
- 5 Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Balsas, *Projeto Fundo de Quintal*, 1986 (pasta Balsas, sem data, sem assinatura).
- 6 Coronelismo: refere-se a alguém que detém o poder político, geralmente a partir da concentração de grandes áreas de terra. Esta forma também é conhecida como oligarquia: o governo está nas mãos de poucas pessoas da mesma classe, ou da mesma família.
- 7 Cf. BLS, correspondência de 01.03.90.
- 8 Cf. José de Souza MARTINS, *Fronteira*: a degradação do Outro nos confins do humano, p. 147ss.
- 9 TA, depoimento, Balsas, março de 1999. TA trabalhou no Movimento de Educação de Base (MEB) de 1982 a 1987 e de 1989 a 1998. Atualmente integra a Pastoral da Mulher, da Igreja Católica de Balsas.
- 10 Ricardo REZENDE FIGUEIRA, *A justiça do lobo*: posseiros e padres do Araguaia, p. 118-120.
- 11 Cf. José de Souza MARTINS, op. cit.
- 12 Cf. COMUNIDADE Evangélica de Confissão Luterana de Balsas, *Projeto Fundo de Quintal*, 1986.
- 13 Cf. BLS, Nice, *Projeto Fundo de Quintal*, 1989.
- 14 Martinho LUTERO, *Obras selecionadas*: os primórdios, p. 430.
- 15 Gerhard K. SCHÄFER, Theodor STROHM, *Diakonie — biblische Grundlagen und Orientierung*, p. 211.
- 16 Conceituar a missão é algo complexo. O termo vem do latim *missio* e significa “envio”. Uma das compreensões — a *missio Dei* = a missão é de Deus. A base é o amor. Jesus encarna este amor e é o centro do envio de Deus. A Igreja cristã é instrumento, co-participante dessa ação que é de Deus e objetiva salvar, libertar a humanidade.
- 17 Matti JÄRVELAINEN, *Gemeinschaft in der Liebe*, p. 112/3.
- 18 Kjell NORDSTOKKE, *Diaconia*: fe y servicio en un mundo que sufre, p. 13-16.
- 19 Cf. Reinhard TURRE, *Diakonik*: Grundlegung und Gestaltung der Diakonie, p. 102-4.
- 20 Cf. Christian MÖLLER, *Construindo comunidade*: carta aos presbíteros, p. 29-30.
- 21 Cf. Theodor SCHÖBER, *Diakonie als handelnde Kirche*, p. 115.
- 22 Kjell NORDSTOKKE, *Diaconia*, p. 278s.

- 23 ID., *Diaconia* : fé em ação.
- 24 Cf. Christian MÖLLER, op. cit., p. 11s.
- 25 Ata nº 6 da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Balsas, p. 11.
- 26 Fani, diálogo, março de 1999.
- 27 Gerda NIED, *Diaconia na construção de comunidade*, p. 72-75.
- 28 GDN, entrevista, dezembro de 1998.
- 29 GDN, carta à Secretaria de Missão, 02.07.1987 (n. 83).
- 30 Pessoas providas dos estados do Sul passam a ser denominadas “sulistas”.
- 31 Bernardo, entrevista, Balsas, março de 1999.
- 32 Nice, entrevista, março de 1999.
- 33 Bernardo, entrevista, março de 1999.
- 34 Informações de mulheres maranhenses, ex-integrantes do Projeto, março de 1999.
- 35 Cf. Gerda NIED, Relatório, 2º semestre de 1989 (n. 125).
- 36 Depoimento de ex-integrantes da horta comunitária.
- 37 Cf. GN e VAP, entrevistas, dezembro de 1998.
- 38 Cf. GDN, entrevista, 29.12.98, e Relatório, 2º semestre de 1989 (n. 125). No diálogo com Fani, primeira vizinha da Casa Comunitária, que acompanhou todo o processo, ela fala com entusiasmo a respeito dos mutirões, da vida e alegria que reinava entre as integrantes do Projeto.
- 39 Elaine, entrevista, março de 1999.
- 40 IV, entrevista, fevereiro de 1999.
- 41 Por “sulistas” entende-se pessoas que vieram dos estados do Sul do Brasil. Muitos os chamam de “gaúchos”, termo que nem sempre confere com a realidade.
- 42 Estela, fax, 04.03.99.
- 43 Fidêncio, entrevista, março de 1999.
- 44 IV, entrevista, fevereiro de 1999.

Gisela Beulke  
Casa Matriz de Diaconisas  
Caixa Postal 147  
93001-970 São Leopoldo — RS